

Índice

Lista de Personagens	7
Prólogo	9
Primeira Parte: Os Enclausurados	
Ano 3 da Era de Caos	25
Segunda Parte: O Feitiço	
Ano 8 da Era de Caos	195
Ano 12 da Era de Caos	246
Ano 20 da Era de Caos	269
Terceira Parte: A Floresta Sombria	
Ano 205 da Era de Caos	319
Ano 208 da Era de Caos	514
Cinco Anos depois	528
Notas	533

Prólogo

A formiga castanha já se esquecera que aquele lugar havia sido a sua casa. Para a Terra em crepúsculo e para as estrelas que surgiam no céu, o passar do tempo era insignificamente breve, mas para a formiga representava uma eternidade. Naquele dia já esquecido, o seu mundo tinha sido virado do avesso. A terra levantou voo, deixando um amplo e profundo abismo, para depois voltar a aterrar sobre este, fazendo-o desaparecer. No limite do abismo agora soterrado, surgiu um rochedo solitário de cor negra. Na verdade, este tipo de coisas acontecia frequentemente neste vasto território. A terra levantava voo e voltava a aterrar, os abismos apareciam e desapareciam, e logo surgiam os rochedos, como marcos vistosos de cada catástrofe. A formiga castanha e algumas centenas de outras como ela já tinham levado a rainha sobrevivente na direção do sol-pôr, estabelecendo ali um novo império. Desta vez, a sua passagem por este antigo refúgio não passou de um mero acaso na busca por alimento. A formiga chegou ao sopé do rochedo solitário e, usando as suas antenas para tactear a sua presença gigantesca, apercebeu-se de que a superfície era sólida e lisa, mas que podia ser escalada. Então escalou, sem qualquer propósito, apenas motivada por uma turbulência aleatória na sua pequena e rudimentar rede neural. Estas turbulências encontravam-se em todo o lado: em cada erva e em cada gota de orvalho nas folhas, em cada nuvem no céu e em cada estrela por detrás dela. Nenhuma turbulência tem propósito, mas quando uma quantidade colossal de turbulências sem propósito se junta, o propósito aparece.

A formiga castanha sentiu vibrações no solo e, através da intensidade crescente, apercebeu-se de que algo gigantesco se aproximava na sua direção. Ela ignorou e continuou a escalar. No ângulo recto formado entre o rochedo e o solo havia uma teia de aranha. A formiga sabia bem o que aquilo era. Contornou cuidadosamente a teia suspensa no precipí-

cio, passando pela aranha, que, com todas as patas encolhidas, esperava por uma vibração na teia. Ambas sentiram a presença uma da outra, mas como sempre, de há milhões de anos até então, não houve qualquer comunicação entre elas.

As vibrações intensificaram-se e depois cessaram. Aquele ser gigantesco encontrava-se já perante o rochedo solitário. A formiga reparou que a sua altura era bastante maior que a do rochedo, encobrendo uma grande parte do céu. Este tipo de ser não era estranho para a formiga, ela sabia que eram seres vivos e que era frequente aparecerem nestas terras. Aqueles abismos que apareciam e desapareciam num ápice, e o surgimento de um número cada vez maior de rochedos solitários, estavam intimamente relacionados com eles.

A formiga prosseguiu com a escalada, ciente de que este tipo de seres, salvo raras exceções, não constituía uma ameaça. Já no caso da aranha, lá em baixo, uma dessas exceções tinha acabado de acontecer: aquele ser, apercebendo-se da teia pendurada entre o rochedo e o solo, usou o caule de uma flor do ramo que trazia para a sacudir, fazendo-a cair para o meio das ervas, juntamente com a aranha. Em seguida, colocou as flores cuidadosamente à frente do rochedo.

Naquele momento, surgiu outra vibração, mais fraca, mas também em crescendo. A formiga sabia que era mais um ser vivo como o anterior que se movimentava na direcção do rochedo solitário. Nesse momento, a formiga deparou-se com um fosso na superfície do rochedo, de textura áspera e cor diferente, um cinzento-esbranquiçado. Ela percorreu o fosso, já que a textura áspera tornava a escalada muito mais fácil. Em ambas as extremidades, o fosso ligava-se a outro mais curto e fino. O da extremidade inferior era perpendicular ao principal; por outro lado, o da extremidade superior formava um ângulo. Ao subir novamente para a superfície negra e lisa, a formiga formou uma impressão da forma do fosso: “1”.

De repente, a altura do ser vivo à frente do rochedo diminuiu para metade, ficando sensivelmente ao nível deste. Era óbvio que se tinha agachado, desvendando as estrelas que surgiam esparsamente no céu índigo. Os seus olhos observavam a parte superior do rochedo, o que causou hesitação à formiga, que preferiu evitar entrar no seu campo de visão, optando por mudar de direcção e continuar a sua escalada paralelamente ao solo. Depressa encontrou mais um fosso, cuja superfície áspera lhe suscitava uma agradável sensação e cuja cor lhe lembrava os ovos que rodeavam a rainha. Sem hesitação, percorreu o fosso e reparou que a sua forma era mais complexa: uma linha curva que se prolongava num círculo completo. Isto lembrou-a do processo que, através do chei-

ro, lhe permitia encontrar o caminho de volta a casa. A sua rede neural estabeleceu uma forma: “9”.

Naquele momento, o ser que permanecia agachado perante o rochedo emitiu um som. Esse som, que em muito superava a capacidade de compreensão da formiga, foi o seguinte:

“Estar vivo, por si só, já é extraordinário. Se nem isso conseguimos compreender, como é que vamos procurar algo mais profundo?”

De seguida soltou um som que atravessou as ervas como uma lufada de vento — um suspiro — e levantou-se.

A formiga continuou a escalar paralelamente ao solo e entrou no terceiro fosso. Este descrevia uma curva quase em ângulo recto, assim: “7”. A formiga não apreciava esta forma, normalmente uma mudança brusca de direcção significava perigo ou batalha.

O som da voz encobriu as vibrações, pelo que só nesse momento a formiga se deu conta de que o segundo ser vivo também já se encontrava perante o rochedo solitário. O primeiro ser tinha-se levantado precisamente para a cumprimentar. O segundo ser era mais baixo e mais frágil que o primeiro, e tinha um cabelo completamente branco que reluzia sob o céu índigo do crepúsculo e cujos tons prateados, balançando com o vento, pareciam estar de alguma forma relacionados com as estrelas que surgiam no céu.

“Professora Ye, a senhora... aqui?”

“Tu és... o Xiao Luo¹?”

“Sim, sou o Luo Ji, fui colega da Yang Dong na secundária. Porque está?...”

“Quando conheci este sítio, achei-o bastante agradável, e é fácil chegar aqui de autocarro. Tenho vindo aqui passear muitas vezes.”

“Professora Ye, as minhas condolências.”

“Ah, já são coisas do passado...”

A formiga pensou em mudar de direcção para cima, mas descobriu que à sua frente havia outro fosso exactamente igual à forma que tinha percorrido antes do “7”, o “9” que ela apreciava, e assim prosseguiu na horizontal. Após atravessar o “9”, achou que esta forma era melhor que o “7” e que o “1”, sem saber o porquê dessa sensação, pois esta era a célula primitiva para o seu sentido estético. Aquele estado de felicidade indescritível que acabara de sentir ao atravessar o “9” intensificou-se, activando a célula primitiva para a felicidade. Estas duas células nunca tiveram a oportunidade de evoluir — são como eram há milhões de anos, e como continuarão a ser nos milhões de anos seguintes.

“Xiao Luo, a Dong Dong falava muito de ti, disse que te dedicavas à... astronomia?”

“Antigamente sim, mas agora ensino sociologia na universidade, precisamente na sua universidade. Se bem que, quando entrei, já se tinha reformado.”

“Sociologia? Que grande transição!”

“É verdade, a Yang Dong dizia sempre que eu tinha uma mente muito dispersa.”

“Ah, não admira que ela dissesse que eras muito inteligente.”

“Sou esperto, mas nada que se compare ao nível da sua filha. Apenas me parece que a astronomia é como um bloco de aço, impossível de quebrar; já a sociologia é como uma tábua de madeira, é sempre possível encontrar um ponto mais fino por onde perfurar. Torna-se mais fácil ganhar a vida.”

Desejosa de encontrar outro “9”, a formiga prosseguiu na horizontal, mas o que encontrou à sua frente foi um fosso recto paralelo ao solo. Assemelhava-se ao primeiro fosso que tinha encontrado, mas na horizontal e mais longo que o “1”, sem nada nas extremidades: era a forma “_”.

“Fácil ou não, faz parte da vida. Não podemos ser todos como a Dong Dong.”

“A verdade é que não tenho nenhuma ambição, ando à deriva.”

“Então tenho uma sugestão para ti: porque não te dedicas à investigação da sociologia cósmica?”

“Sociologia cósmica?”

“Disse esse nome ao calhas. Suponhamos que existe um vasto número de civilizações repartidas pelo universo, tantas que o seu número é equiparável ao número de estrelas observáveis. Juntas, estas civilizações formam uma sociedade cósmica, e a sociologia cósmica é precisamente o estudo dos padrões desta supersociedade.”

A formiga continuava a sua escalada horizontal. Tinha a esperança de, após atravessar o fosso em forma de “□”, poder encontrar de novo o “9” de que gostava. Porém, o que encontrou foi um “2”, inicialmente aconchegante, mas com uma curvatura súbita tão assustadora como a do “7”. Era um mau presságio. A formiga continuou o seu caminho e no fosso seguinte deparou-se com uma forma fechada: “0”. Assemelhava-se parcialmente ao “9”, mas não passava de uma armadilha. A vida precisa de suavidade, mas também precisa de uma direcção. Não se pode estar constantemente a voltar ao ponto de partida, e isto sabia-o a formiga. Apesar de ainda restarem dois fossos à sua frente, a formiga perdeu o interesse e decidiu encaminhar-se para cima.

“Mas... neste momento só conhecemos a nossa civilização!”

“Precisamente por isso é que ninguém se está a ocupar disso. Tens uma oportunidade em aberto.”

“É realmente interessante, Professora Ye. Por favor, elabore.”

“Eu só acho que assim podias unir as tuas duas especialidades. Em comparação com a sociologia humana, a sociologia cósmica apresenta uma estrutura matemática muito mais clara.”

“Porque diz isso?”

Ye Wenjie apontou para o céu. A oeste, o pôr-do-sol ainda brilhava fortemente. As estrelas no céu, tão esparsas que podiam ser facilmente contadas, tornavam simples a tarefa de recordar como era o firmamento antes de elas terem surgido: um imenso e desolado vazio azul, como os olhos sem pupilas de uma escultura de mármore. Mas agora, apesar da escassez de estrelas, os olhos gigantes no céu ganharam pupilas, o vazio foi preenchido e o universo havia obtido o sentido da visão. Porém, comparando com o espaço à sua volta, as estrelas eram ínfimas, não passando de pontos cinzentos quase imperceptíveis. Pareciam insinuar uma inquietação do escultor cósmico, que não resistiu ao desejo de dotar o universo de pupilas, mas ao mesmo tempo tinha um enorme temor de lhe conceder a visão. Por fim, este equilíbrio entre desejo e temor resultou na vastidão do espaço e na infimidade das estrelas, mas foi, acima de tudo, um alerta de perigo.

“Vês como cada estrela não passa de um ponto? As estruturas complexas de cada civilização cósmica, assim como os seus factores de caos e aleatoriedade, são filtrados por esta enorme distância. Do nosso ponto de vista, essas civilizações não passam de pontos de referência matematicamente fáceis de resolver.”

“Mas, Professora Ye, a sociologia cósmica de que fala não possui qualquer objecto de estudo concreto, e também não parece ser possível fazer pesquisas ou experiências.”

“Por isso os teus resultados seriam puramente teóricos. É tal como a geometria euclidiana, primeiro estabelece alguns axiomas simples e evidentes como ponto de partida, e depois fazes a derivação de um sistema teórico geral a partir deles.”

“Professora Ye, isso... é mesmo interessante! Mas quais são os axiomas da sociologia cósmica?”

“Primeiro: a sobrevivência é a necessidade primordial de uma civilização; segundo: uma civilização cresce e expande-se continuamente, mas a quantidade de matéria do universo nunca se altera.”

A formiga não teve de subir muito até se dar conta de que acima existiam mais fossos, que em conjunto formavam uma complexa estrutura